

*Gracineide Maria de Souza¹
Américo Soares Mignone²
Cassia Lourdes Paradella³*

Resumo: Diante da modernidade contemplada na atualidade e acrescentada a outros recursos de dominação, transformam profundamente a afinidade da sociedade com o meio ambiente e modificam a natureza em recursos inesgotável de matéria-prima. Existe uma obsessão pelo domínio da natureza e pelo acúmulo de recursos naturais o que tem contribuído para a destruição das reservas naturais, que nos remete a situação dos índios em território nacional. Logo, pretende-se com o trabalho, traçar um breve esboço com a finalidade de pontuar algumas diferenças percebidas na vida dos índios que habitam as aldeias de Aracruz, Espírito Santo, e os programas públicos voltados para a preservação da cultura. Para tanto, uma rápida abordagem histórica da presença do índio no município de Aracruz, bem como entrevista realizada com o cacique Nelson, da aldeia Três Palmares, e informações cedidas pela Prefeitura Municipal de Aracruz, entre outros, formam o conteúdo de reflexão proposto neste estudo. O intuito primeiro é refletir sobre a realidade vivenciada pelos índios remanescentes e buscar compreender como mantêm a cultura da etnia indígena viva, quais são os recursos e amparos que recebem do Estado e/ou instituições privadas para a manutenção das tribos, bem como saber como o desenvolvimento tecnológico influencia e/ou dificulta a manutenção da cultura indígena.

Palavras-chave: Globalização; Modernização; Cultura indígena; índio; etnia indígena.

Introdução

Refletir sobre a cultura indígena importa um breve retorno à história da colonização brasileira, especialmente à história do índio no Espírito Santo. De acordo com Prezias citado por Barcelos, os índios encontrados em terras capixabas, no período da colonização no século XVI, dividia-se em diferentes etnias, que foram identificadas especialmente a partir do idioma e estavam agrupadas a partir de dois grandes troncos originários: Tronco Tupi: constituído pelos povos Tupinambá (que habitavam próximos aos rios São Mateus e Itaúnas); Tupiniquin (que habitavam a região da atual cidade de Vitória); e Temiminó (que habitavam o litoral sul do Estado, próximos aos rios Itapemirim e Itabapoana) e o Tronco Macro-Jê: constituído pelos povos Malali e Pataxó (que habitavam o litoral norte e as terras próximas ao rio Doce); Puri-Coroado (que habitavam a região dos rios Itapemirim e Itabapoana, no litoral sul); e os Botocudos (que habitavam a região norte do Rio Doce).

Com a chegada dos primeiros Padres Jesuítas foram criados os chamados “aldeamentos missionários”, também conhecidos como “reduções”, locais em que eram direcionados os grupos indígenas, voluntariamente ou à força. Os aldeamentos fundados no Espírito Santo foram os de: Nova Almeida, Santa Cruz, Reritiba (Guarapari), Benevente (Anchieta), Muribeca (Presidente Kennedy), Araçatiba (Viana), Cariacica e Carapina.

Em geral, todos os aldeamentos possuíam uma infraestrutura constituída de habitações, igreja, colégio, oficinas diversas e quase sempre áreas para a prática da agricultura e criação de animais. A grande maioria dos estudiosos a respeito do tema relata que as práticas aplicadas nesses aldeamentos acabaram

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo –UFES – Vitória (ES), Brasil.

² Aluno especial do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo –UFES – Vitória (ES), Brasil.

³ Aluna especial do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo –UFES – Vitória (ES), Brasil.

contribuindo para o aniquilamento da cultura e identidade dos povos indígenas. Os jesuítas acreditavam que por meio do desestímulo à vida nômade e a conseqüente fixação dos grupos em determinados espaços combateriam o anticristianismo que os aldeados praticavam. Com o passar dos anos as ações colonizadoras foram intensificando o processo de aculturação dos índios, que em muitos casos passaram a renegar os aspectos de sua cultura.

O bispo D. Pedro Maria de Lacerda, em sua primeira visita pastoral ao Espírito Santo, no ano de 1880, fez o seguinte relato:

[...]. Tenho procurado tirar a todos os índios a vergonha de falarem sua língua, e recomendo-lhes que além do Português, ensinem os filhos a falarem entre si, e conservem a língua indígena, e que desprezem as zombarias dos que escarnecem porque não sabem falar [...]. Já não têm arco nem flecha, e nem conhecem tais armas; e a razão principal é por terem vergonha de se parecerem com os antigos, e também de serem vistos pelos Portugueses e temidos [...]⁴

Após terem se afastado do convívio com os brancos, em função de conflitos, perseguições e disputa de espaços territoriais, os índios foram sendo incorporados à ordem colonial. O objetivo primeiro era que fossem domesticados, catequizados, civilizados e aprendessem a viver sob os moldes da cultura colonizadora. A cultura indígena foi descaracterizada à medida em abandonavam as aldeias para conviver diretamente com os brancos, ou servindo aos mesmos; pois suas terras foram tomadas ora por grileiros ora posseiros e/ou fazendeiros.⁵

Tupiniquins e Guaranis

De acordo com a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, atualmente duas etnias indígenas habitam o solo capixaba, precisamente no Município de Aracruz, os Tupiniquins e os Guaranis, ambas pertencentes ao tronco Tupi. Os povos indígenas localizados em Aracruz estão sediados em 10 (dez) aldeias, sendo 06 (seis) Tupiniquins e 04 (três) Guaranis. Segundo o último levantamento realizado no Espírito Santo, no ano de 2014, existem 954 famílias indígenas – todas localizadas em Aracruz.⁶

No século XVI, os Tupiniquins ocupavam uma faixa de terra situada entre Camamu, na Bahia, e o rio São Mateus (ou Cricaré) no litoral norte da Província do Espírito Santo, alcançando assim terras capixabas. Esses índios também viviam na região do rio Piraquê-Açu, onde em 1556, foi fundada pelo jesuíta Afonso Brás a Aldeia Nova. Atualmente, habitam três Terras Indígenas no norte do Espírito Santo. Falantes no passado, da língua Tupi litorânea da família Tupi-Guarani, hoje os Tupiniquim usam apenas o português⁷. Os Tupiniquins mais antigos não se recordam de ter conhecido regras matrimoniais ou qualquer outra norma de parentesco diferente das de hoje, cujas prescrições são idênticas às da população rural. Dos ancestrais, os índios herdaram o receio em utilizar a língua indígena, totalmente perdida em reminiscências esparsas. Os avós dos atuais Tupiniquins conheciam a língua, mas tinham parado de empregá-la porque eram ameaçados, deixando por isso também de ensiná-la aos mais jovens. Os Tupiniquins têm como característica o combate, a força, o enfrentamento, a conquista por meio das lutas.

4 Volume I, Livro de Visita Episcopal na Província do Espírito Santo do Bispo D. Pedro Maria de Lacerda, 10º Bispo do Rio de Janeiro – 14 de julho a 11 de novembro de 1880.

5 COUTINHO, José Maria. Uma História do Povo de Aracruz. 1. ed. Aracruz: Gráfica Real, 2006.

6 FUNAI, 2015.

7 OLIVEIRA JUNIOR, Adilson Pereira de. **Impactos da Monocultura de Eucalipto na Territorialidade Tupinikim e Guarani no Espírito Santo (Brasil).**

Guaranis

De acordo com informações encontradas em “Povos Indígenas no Brasil”⁸ os Guaranis são os povos indígenas do interior da América do Sul tropical, habitante desde o Centro Oeste brasileiro até o norte da Argentina, pertencente à grande nação tupi-guarani. Até meados de 1700, os índios Guaranis habitavam o sul do Brasil e também o Paraguai. Possuíam a terra como uma grande riqueza e dádiva divina.

Sentindo-se ameaçados com a chegada de exploradores da cultura do mate, os Guaranis se deslocaram em direção ao litoral Atlântico, guiados por revelações de religiosos, que prevendo o fim do mundo tentavam salvar o povo conduzindo-o à procura da “Terra sem Males”, com água limpa, mata, bichos e plantas de todo tipo.

Durante séculos esse povo foi subindo no sentido sul-norte procurando o paraíso, uma terra mística, sem injustiças e onde pudessem viver em paz. Por volta de 1970, os Guaranis chegaram até a aldeia Tupinikim de Caieiras Velha, em Aracruz, mas continuaram sua marcha pelo litoral do Espírito Santo, só retornando para fixar-se em solo aracruzeno no ano de 1976.

Os Guaranis que vivem em Aracruz são do subgrupo Mbya e falam uma linguagem que é entendida por todas as outras castas pertencentes à família Tupi-Guarani, do tronco linguístico Tupi. Os Guaranis têm como características a espiritualidade e a religiosidade e acreditam que tudo deriva da intervenção divina e que os deuses que cultuam interferem diretamente no destino do seu povo.

Apesar das investidas de acultramento e marginalização em algumas regiões brasileiras, a própria resistência indígena manteve grupos numerosos e culturalmente ativos. No Espírito Santo, isso ocorreu com significativa representação na região de Aracruz. Nem mesmo a edição da Lei de Terras, (Lei nº 601/1850), que passou a reconhecer como legítimo proprietário aqueles que possuísem o seu registro legal (escritura), enfraqueceu a comunidade indígena localizada em Aracruz, que se manteve instalada nas terras que ocupavam na região.

A demarcação de áreas indígenas, na região de Aracruz, ocorreu somente em 1983, por atuação da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, totalizando 2.000 hectares. Entretanto, com a promulgação da Constituição de 1988, a proteção e a preservação étnica e cultural dos grupos indígenas ganhou importância, sob a responsabilidade do Estado. Em 2007, por atuação do Ministério da Justiça, foram demarcadas as terras reclamadas pelos índios no Espírito Santo, totalizando 18.000 hectares. Esse fato levou os índios localizados em Aracruz, a desistirem de demandas judiciais que haviam movido contra uma empresa de celulose (cerca de 40.000 hectares), buscando o reconhecimento da titularidade das terras que ocupavam.

O discurso

Diante das divergências de informações encontradas em diversas literaturas, a fim de entender um pouco mais da realidade dos índios que vivem no território capixaba em Aracruz, decidiu-se realizar uma pesquisa

⁸ Ambiental I.S. Povos Indígenas no Brasil, 2012. Nov.14. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/PT>>. Acesso em 25/0.5/2105

de campo. Tendo em vista que os índios Guaranis ainda preservam um pouco da cultura indígena, foi escolhida para pesquisa a Aldeia Três Palmares – Guarani - liderada pelo Cacique Nelson, tendo como premissa, entender como os índios remanescentes vivem na região de Aracruz-ES. Para tanto, utilizou-se um questionário⁹ com questões abertas que foi aplicado em forma de entrevista, entendendo ser o método mais eficaz, a fim de compreender um pouco da cultura indígena.

A primeira pergunta direcionada ao Cacique Nelson foi com objetivo de entender o que significava a data do dia dezenove de abril (19/04) para os índios? De acordo com a fala do entrevistado, Sr. Nelson, *“o dia 19 de abril foi criado pelo branco e nos guardamos esta data porque trata de um massacre que os índios sofreram, sendo a data símbolo da resistência indígena”*.

Entretanto, o presidente Getúlio Vargas, a partir da intervenção do Marechal Rondon, por meio do decreto-lei número 5.540 de 02 de junho de 1943, adota como dia do índio, a data de 19 de abril. Esse decreto é resultado do 1º Congresso Indigenista Interamericano, ocorrido em 1940, no México. Nesse Congresso participaram autoridades governamentais dos países da América e líderes indígenas deste continente. Nos primeiros dias, os índios não compareceram, em função de preocupações e temores. Mas, após reuniões, os líderes indígenas resolveram participar, esse dia foi em 19 de abril, data então escolhida, no continente americano, como o Dia do Índio. Dia de reflexão sobre a importância da preservação dos povos indígenas, da manutenção de suas terras e respeito às suas manifestações culturais.¹⁰

Outra pergunta direcionada ao Cacique foi sobre a origem da palavra indígena. De acordo com Sr. Nelson, *“quando os portugueses chegaram aqui, encontraram um povo sem identidade, sem documentos, logo, foram considerados como um povo indigente, surgindo assim, à palavra indígena”* – derivada do indigente.

No Dicionário Etimológico¹¹, encontra-se a palavra “indian” ou “índio”, como originário na Europa da Idade Média. Esse termo era aplicado não somente aos habitantes da região conhecida como Índia, mas incluía todas as regiões do desconhecido Extremo Oriente. Colombo chegou às Américas acreditando ter encontrado o caminho para as Índias, navegando em direção contrária à dos Portugueses, ao se deparar com os nativos passou a chamá-los de “índios”.

Quanto ao significado das pinturas no corpo, o cacique Nelson disse que *“são feitas para identificar as tribos e as diferenças são de acordo com as etnias”*. O que não difere dos estudos realizados sobre a arte indígena, que apontam a pintura corporal com significados e funções sociais de acordo com a tribo onde é feita. Entre muitas tribos a pintura corporal é utilizada para distinguir a divisão interna, dentro de uma determinada sociedade indígena, como uma forma de indicar os grupos sociais nela existentes. Para realizar as pinturas, os índios usam tintas como: o urucum – produz o vermelho; o genipapo – produz o azul marinho quase preto; o pó de carvão – utilizado no corpo sobre uma camada de suco de pau-de-leite

9 Qual o significado do dia 19 de abril para os índios?; Qual a origem da palavra INDIGENA?; Qual o significado das pinturas utilizadas pelos índios?; Como e realizada a divisão de trabalho nas aldeias? Quais os tipos de saneamentos existentes nas aldeias? Como e conduzida a educação nas aldeias?; O que os índios fazem para preservar a natureza? Quais são os recursos financeiros que as aldeias recebem para manutenção?; o que os índios fazem para manter viva a cultura indígena?; E permitido o casamento entre índios e brancos?; Qual a religião principal praticada nas aldeias? E Como e feita a escolha do cacique e quais as funções dos mesmos?

10 Wikipedia. 2015.

11 <http://www.dicionarioetimologico.com.br/indio/>. Acesso em 21-05-2015.

e o calcáreo – extrai a cor branca¹².

Outra pergunta feita ao cacique, foi como e realizada a divisão das atividades de trabalho dentro da Aldeia? Momento em que o cacique Nelson mostrou-se esquivo, sem esclarecer como esta divisão atualmente é realizada em sua Aldeia. Falando apenas que *“nos ensinamos às crianças a fazer os artesanatos que é nossa cultura, porque elas não podem perder nossos costumes”*. Informou também que existem professores que são preparados para ensinar nas escolas indígenas, e outros que trabalham em empresas, fora dos limites das aldeias. Não foi possível certificar se a omissão foi proposital ou devido a outras razões.

Contudo, a divisão de trabalho¹³ nas aldeias conhecida pelas histórias apresentadas, é que os Homens são os responsáveis pela caça e pesca; constroem as habitações; preparam a terra para a prática da agricultura e fazem canoas, além de produzem os instrumentos de trabalho. Já as Mulheres, cuidam do plantio, coletam frutos e raízes; fazem a comida; cuidam das crianças e fazem objetos de cerâmica, redes e cestos, artesanatos.

Outro ponto levantado com o cacique foi referente o saneamento nas moradias das aldeias. O Sr. Nelson relatou que a água utilizada na Aldeia é água tratada e que chega por intermédio de canos. Foi possível observar que os banheiros são construídos para uso coletivo, isto é, externo às residências.

Nesse sentido, o Relatório Técnico – Habitação Indígena em Aracruz/ES, apresentado pelo escritório de Arquitetura, Urbanismo, Sustentabilidade no Ambiente Construído - Daniel O. Cruz, encaminhado à Prefeitura Municipal de Aracruz, versa sobre as habitações indígenas localizadas no Município:

A casa, com Planta Baixa Retangular, segundo Almeida e Yamashita (2013), apresentam cobertura e parede contíguas, tendo forma ogival na seção reta com cobertura em duas águas. Tal tipologia, que conota a uma influência cabocla na arquitetura indígena, é [...] encontrada nas aldeias de Aracruz/ES. [...] os materiais empregados são extraídos nas adjacências das próprias terras indígenas, como madeira, argila e fibras naturais. O piso das casas é feito com argila compactada ou com o próprio solo, compactado. Na área externa, no entorno imediato, o piso é rebaixado para evitar infiltração de água das chuvas. As paredes, ora se apresentam com taipa de mão (pau a pique), ora se apresentam com peças verticais de madeira. A cobertura, quando não coberta de materiais industrializados, é constituída de fibras naturais. Usualmente, a habitação indígena não se conecta diretamente ao sanitário, situando-se no entorno imediato. Outra peculiaridade refere-se ao compartilhamento do uso dos sanitários com outras unidades familiares.

Sobre os aspectos referentes à educação, o entrevistado informou que *“as crianças são educadas e alfabetizadas em guarani até aos 07 (sete) anos de idade nas aldeias, a partir desta idade, elas seguem para escola comum a todos, para aprender o português e as disciplinas curriculares da educação básica”*.

Nesse sentido, buscamos no site da FUNAI¹⁴ informações legais, referente aos direitos indígenas sobre a educação. Em síntese, relata sobre as três áreas de ações prioritárias no âmbito da Coordenação de Processos Educativos – COPE que integra a Coordenação Geral de Promoção da Cidadania – CGPC: Apoio à discussão e elaboração de Projetos Políticos Pedagógicos; Monitoramento das políticas de

12 Lagrou, Els. [“Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas”](#). In: *Proa – Revista de Antropologia e Arte*, nov. 2010, ano 02; 01 (02).

13 Organização social dos índios. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/ef2/indios/p1.php>. Acesso em 21-05-2015.

14 FUNAI. Educação Indígena. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena.htm>. Acesso em 25/05/2015.

Educação Escolar Indígena e Apoio aos processos de discussão e implementação de projetos de Educação Profissional e iniciativas de garantia do acesso e permanência dos povos indígenas ao ensino superior.

Para o Ensino Fundamental a FUNAI tem como desafio atuar com prioridade no nível do Ensino Fundamental levando informações e monitorando a qualidade da educação escolar realizada nas aldeias. Na perspectiva colocada pela legislação específica, deve ser observada a valorização dos conhecimentos e pedagogias indígenas próprias, das línguas maternas, da interculturalidade e da autonomia escolar, com expressão nos calendários e currículos escolares.

A Educação básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases de Educação e a educação escolar no Brasil, passaram a ser identificadas em dois níveis: Educação Básica e Educação Superior. A Educação Básica divide-se em Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, fases que são encontradas em diferentes graus de oferta nas aldeias indígenas.

Em relação à Educação Infantil, a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 estabelece que é opcional, cabendo a cada comunidade indígena decidir o que lhe convém. Muitos povos indígenas entendem que não há melhor situação para uma criança na sua primeira infância do que o convívio com os seus familiares e aprender o que a vida nas aldeias proporciona.

O Ensino Médio apresenta duas formas possíveis: propedêutico (de formação geral) e Ensino Médio Técnico. De acordo ainda com a FUNAI, o número de estudantes é baixo, devido à falta de escolas nas aldeias, às dificuldades de deslocamento para as cidades e de adaptação dos estudantes, e à inadequação das propostas das escolas urbanas. Os índios demonstram preferência por projetos de ensino médio técnico com vistas a atender às suas necessidades e aos projetos societários; pois o Ensino Médio oferecido nas cidades (escolas estaduais) e, mesmo as poucas turmas existentes nas aldeias, não atendem às especificidades das comunidades.

A legislação e os programas de Educação Profissional abarcam cursos de formação inicial e continuada (maioria dos cursos oferecidos no catálogo do PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego); além de cursos de Ensino Médio Técnico. Pode ser integrado, concomitante ou subsequente, e pode ainda ser oferecido na modalidade de Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA.

Quanto ao Ensino Superior, foi instituído pelo MEC o PROLIND - Programa de apoio à formação superior de professores indígenas, por meio de cursos na área das Licenciaturas Interculturais em instituições de ensino superior, públicas federais e estaduais. Tendo como objetivo formar professores para a docência no ensino médio e nos anos finais do ensino fundamental nas escolas indígenas. Para garantir o acesso e permanência de estudantes nas Instituições de Ensino Superior, a FUNAI firmou Termos de Cooperação e Convênios com Universidades públicas e privadas, em todo território nacional, desde 1996. O MEC criou o Programa Bolsa Permanência (Portaria nº 389, de 09 de maio de 2013), no qual favorece aos estudantes universitários das Instituições Federais o acesso à Bolsa Permanência, que lhes garante R\$ 900,00 mensais. Dessa forma, possibilitando que permaneçam fora de suas aldeias e cidades de origem durante o período letivo.

A Secretaria de Educação do Município de Aracruz, disponibilizou informações de pesquisas, levantamentos e relatórios que versam sobre os povos indígenas que habitam o território aracruzense, nos quais se vislumbra de forma mais abrangente os números e ações realizadas pelo município até meados do ano 2015, conforme se dispõe a seguir. Segundo a Secretaria de Educação, o Município de Aracruz dispõe de 07 (sete) Unidades de Ensino Indígenas, distribuídas entre o ensino infantil e ensino fundamental, conforme tabela a seguir:

ESCOLA	Nº DE ALUNOS	T. INTEG.
EMEFI Caieiras Velha	310	
EMEFI Dorv. Coutinho	103	
EMPI Três Palmeiras	53	
EMPI Pau Brasil	72	
EMPI Irajá	52	
EMPI Boa Esperança	12	
CMEII Caieiras Velha	120	24

Fonte: SIASI Local – Abril 2015

Nas Escolas Indígenas das aldeias de etnia Guarani o ensino é ministrado exclusivamente na língua indígena até o 3º ano, a partir de quando começa a ser introduzida a língua portuguesa. Isso é possível porque o povo Guarani conserva o seu idioma original, passando-o para as gerações futuras.

Nas aldeias tupiniquins, como os povos não conservaram sua língua de origem, o ensino é ministrado exclusivamente em português. A Prefeitura de Aracruz, por intermédio dos educadores que atuam nessas escolas, está realizando um trabalho de resgate do idioma tupiniquim – os professores estão aprendendo a língua para ensiná-la novamente aos índios.

Os concursos e processos seletivos para contratação de professores e servidores públicos com atuação nessas unidades de ensino são específicos e exigem dos candidatos experiências, conhecimentos e habilidades próprias para atuação junto à população indígena.

Outra pergunta direcionada ao Cacique foi: o que os índios fazem para preservar a natureza e o meio ambiente? De acordo com Sr. Nelson, *“os índios são os guardiões da natureza, eles sempre buscaram preservá-la, uma vez que é dela que os mesmos retiram o alimento, e que ultimamente muitos animais são preservados da caça, tendo em vista ser espécie em extinção”*. Informou também que eles preservam na pescaria, sendo feita apenas em época adequada, evitando assim, a extinção e o fim das espécies de peixes. Outro item que confere com a informação extraída do site da FUNAI, em que informa que, os índios sempre tiveram um bom relacionamento com a natureza e são os que mais sabem como preservá-la:

O modo como os indígenas se relacionam com a terra é especial. Esse fato tem sido considerado pelos governos quando a questão ambiental é colocada em xeque. Em geral, os índios possuem um profundo conhecimento sobre o meio ambiente e, graças às suas formas tradicionais de utilização dos recursos naturais, garantem tanto a manutenção de nascentes de rios como da flora e da fauna. São atitudes simples como a do artesão pipipã Edelson Lima, que faz animais entalhados na madeira. Ele prefere pegar troncos secos no

chão a cortar árvores.

“Eu nunca derrubei pau novo para fazer o artesanato. Sempre uso a madeira seca, já derrubada pelo vento. A gente faz o artesanato para poder criar nossa família sem agredir a natureza. Quando eu vejo a mata desmatada dá um nó na garganta e eu adoço. O índio sem mata não é ninguém”, ressalta (FUNAI 2015).

Outra questão levantada foi sobre quais são os Recursos Financeiros para manutenção das Aldeias? Em resposta a esta pergunta, o cacique não ofereceu uma resposta concisa, mas disse que as Aldeias vivem das plantações, caça, pescas e artesanatos. Entretanto, em observação aos arredores das casas, foram percebidas pequenas plantações de mandioca e bananeiras, mas parecem insuficientes para sustentar as aldeias. De acordo com Litig¹⁵, a aldeia não é ainda auto-suficiente em sua produção agrícola e pecuária. A auto-sustentação prometida pela Aracruz Celulose ainda não se concretizou.

O dinheiro do acordo (TAC) não é suficiente para cuidar do que está plantado. [...] as 188 famílias da aldeia Caieiras Velhas têm plantados 95 mil pés de café e 3.000 pés de côco. O dinheiro do Projeto Agropecuário, cerca de R\$ 371.000,00, é dividido para 6 (seis) aldeias, ficando para cada uma R\$ 61.833,00, para ser usado em projetinhos de pomar, horta, plantações e outros.

Outro questionamento foi o que os Índios fazem para manter sua Identidade Étnico Cultural, mesmo diante dos impactos da Modernização e globalização sofrida por toda sociedade? De acordo com Sr. Nelson, uma das preocupações diz respeito à manutenção da comunicação com a língua mãe, outra, são os artesanatos e a vida em comunidade. Notou-se que realmente eles conseguem ser fieis a esse aspecto da cultura indígena; pois a visita para entrevista não estava agendada, mesmo assim o cacique demonstrou boa vontade em mostrar a aldeia e também em responder todas as perguntas. Durante a visita, foi possível observar que estavam todos pintados, o cacique, além das pinturas estava usando um cocar, notamos também que o diálogo entre eles acontece na língua nativa. Os Guaranis são os índios da região que mais preservam a cultura, mesmo com as influências externas, procuram manter alguns aspectos de seus costumes. De acordo com reportagem no site da FUNAI¹⁶:

Qualquer grupo social humano elabora e constitui um universo completo de conhecimentos integrados, com fortes ligações com o meio em que vive e se desenvolve. Entendendo cultura como o conjunto de respostas que uma determinada sociedade humana dá às experiências por ela vividas e aos desafios que encontra ao longo do tempo, percebe-se o quanto as diferentes culturas são dinâmicas e estão em contínuo processo de transformação. No entanto, é importante frisar que as variadas culturas das sociedades indígenas modificam-se constantemente e reelaboram-se com o passar do tempo, como a cultura de qualquer outra sociedade humana.

Perguntamos também se é possível ou comum acontecer casamentos entre índios e um brancos? O cacique disse que “os antepassados não aceitavam união de índio com branco, devido ao choque cultural, mas atualmente eles aceitam; e que normalmente quando acontece um casamento entre um integrante da aldeia e um branco, é o branco que vai morar na aldeia”. Isso facilita a manutenção da cultura e o crescimento dos não indígenas vivendo nas sociedades indígenas. Sobre esse aspecto, de acordo com informações disponíveis no site¹⁷ Povos indígenas, expressa que “*Os Guaranis têm como base de sua organização social, econômica e política, a família extensa, isto é, grupos macro familiares que detêm formas de organização da ocupação espacial dentro dos tekoha determinada por relações de afinidade e consanguinidade*”.

15 Litig, Cláudio Ermani. 2010, p.9.

16 Informativo FUNAI, 2013.

17 Organização Social. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/555>

A respeito das tentativas dos Europeus em cristianizar os índios, foi perguntado ao cacique o que eles achavam do cristianismo e qual a relação deles com os cristãos? O cacique Nelson foi bem claro na resposta, “*nos aceitamos e respeitamos qualquer religião, todos que quiserem ir à aldeia, eles recebem bem, podendo ser evangélicos ou católicos, porém, não abrem mão da cultura religiosa indígena*”. Isto é, eles seguem a própria religião, não deixando ser levados pelas investidas dos brancos em evangeliza-los e /ou acultura-los. Eles acreditam na existência de um Deus único e que cada um reverencia a seu modo. A história da colonização, entretanto, mostra que os índios que não aceitaram a conversão pelos jesuítas ou foram mortos ou fugiram para as florestas mais distantes.

As religiões diferem, de acordo com Schaden¹⁸, em suas doutrinas com relação ao homem e seu contexto na natureza, atribuindo aos deuses e às diferentes categorias de:

“[...] seres sobrenaturais; como a maneira de se conceber a origem da vida humana e, em especial, de se encarar as múltiplas relações entre o homem e as divindades nas mais variadas situações da existência do grupo e do indivíduo”. Para o guarani, não é necessário merecer o céu, pois todas as pessoas estão destinadas a ele, não tem o pensamento de remuneração.

Por ultimo foi perguntado ao Cacique sobre, como era feita a escolha de um líder e quais as funções dos mesmos nas aldeias? Em resposta a esta pergunta, o Cacique informou que antes o cacique era escolhido pela antiguidade, mas atualmente para ser cacique tem que ter alguns requisitos, tais como: saber falar bem o português – para comunicação com o branco -, saber liderar o povo, uma vez que o cacique atua como um conselheiro, conciliador e juiz. Sobre este assunto Lopez¹⁹ descreve que:

“(...) a mais importante liderança política (entre os guaranis é o cacique. Este pode ser escolhido por meio democrático da eleição pela comunidade, considerando o conhecimento sobre a cultura, habilidade para a reza e liderança; ou também o cacique pode se autoeleger, nos casos de realizar uma migração ou organizar um aldeamento novo. O cacique é considerado vitalício, porém pode deixar seu cargo em virtude de doença ou velhice, assim como ser retirado do cargo, por mau comportamento. Desempenha funções importantes dentro de uma tribo indígena”.

Em relação a sanções cometidas pelos índios, o cacique disse que ele é o responsável por orientar e aplicar os “castigos” que vão desde os trabalhos nas plantações ate aos piores delitos – caso de assassinato – o cacique tem poder de decidir qual será a punição a ser aplicada ao meliante, e que a decisão do cacique tem poder de lei. É ele quem aplica as regras da tribo, define as punições, resolve os conflitos. O Art. 59, da lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, diz que no “*caso de crime contra a pessoa, o patrimônio ou os costumes, em que o ofendido seja índio não integrado ou comunidade indígena, a pena será agravada de um terço*”.

Conclusão

É certo que uma breve entrevista não pretende dar conta de explicitar a vida dos indígenas em sua totalidade, mas auxilia a reflexão sobre como esses povos foram negligenciados, considerados inferiores e quase aniquilados pelos colonizadores. Eram considerados “gentios”, selvagens pelos brancos que iniciaram o projeto colonizador “invasor”, sob os moldes de uma cultura de dominação e civilização que em nada se assemelhava à vida dos indígenas.

18 SCHADEN, 1974, p. 103-4

19 Lopes, 2000.

A história do índio ainda carece de pesquisas e reflexões sob o ponto de vista dos mesmos, pois durante séculos, foi contada a partir da perspectiva do colonizador. No passado, o índio deixou seus costumes, sua língua e sua crença, foram forçados a se tornarem “brasileiros civilizados”.

Atualmente, com as políticas de inclusão e respeito às diferenças, busca-se resgatar a identidade indígena, a valorização de seus costumes. Costumes que eles mesmos já nem lembram ou praticam, como o caso dos tupiniquins de Aracruz, que estão aprendendo sua língua de origem nas escolas para resgatar um pouco da cultura.

Como resultado deste breve estudo, pode-se apontar que os guaranis e tupiniquins que vivem nas aldeias em Aracruz, passaram por muitos embates até conseguirem o quinhão de terras para se estabelecerem, ainda que em tamanho diferente do pleiteado.

Observa-se que a cultura dos índios passa por conflitos maiores do que se pode perceber à primeira vista, pois os casos de alcoolismo e drogas crescem entre eles, especialmente os mais jovens.

As respostas, ainda que diferentes dos relatos de pesquisadores, mostram o quanto há que se refletir e buscar caminhos para resgatar o respeito à pessoa humana, independente de raça, credo, cor, etc. Respeitar as diferenças vai mais além, do que implementar políticas que não traduzem a realidade ou a real perspectiva dos indígenas.

A força impetrada pelo poder do capital ainda prevalece sobre o direito das comunidades mais carentes e ainda excluídas do acesso aos recursos que a lei prevê, seja em educação, saúde, segurança, etc. Certamente que houve conquistas importantes, mas ainda não efetivamente suficientes para dar conta de resgatar as perdas culturais e porque não dizer, emocionais de uma história marcada por violência, extermínio, domesticação, e imposição de uma cultura sobre outra, em nome de uma crença que camufla a sede de poder.

Referências

BARELOS, Gilsa Helena. **Desterritorialização e R-Existência Tupiniquim: Mulheres Indígenas e o complexo agroindustrial da Aracruz Celulose**. Minas Gerais, 2008. In: PREZIA, Benedito;

HOORNAERT, Eduardo. Esta terra tinha dono. São Paulo: FTD, 1989. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-MDM33/gilsa_compacta.pdf?sequence=1> Acesso em 25/05/2015.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.540**, de 2 de junho de 1943. Publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 - 4/6/1943, Página 8704 (Publicação Original).

FECUNDIDADE entre os Guaranis: um legado kunhankarai. (Te) Disponível em: <<http://www.dicionarioetnologico.com.br/indio.htm>>. Acesso em 26/05/2015.

FUANAI. Disponível em: <[http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena .htm](http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena.htm)>, acesso em 25/05/2015.

LAGROU, Els. "Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas". In: **Proa – Revista de Antropologia e Arte**, nov. 2010, ano 02; 01 (02). Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/pdfs/elslagrou.pdf>>. Acesso em 21/05/2015.

LÓPEZ, G. M. A. **A fecundidade entre os Guarani**: um legado kunhankarai. (Tese). Fundação Oswaldo Cruz. ENP: Rio de Janeiro, dez 2000. Disponível em: <http://www.eventos.uepg.br/seminariointernacional/agenda21parana/trabalho_cientifico/TrabalhoCientifico007.pdf>. Acesso em 26/05/2015.

LITG, Claudio Ernani, 2010. **Demarcação das terras indígenas no município de Aracruz-ES**: fruto do novo paradigma instaurado pela Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/demarcacao-das-terras-indigenas-no-municipio-de-aracruz-es-fruto-do-novo-paradigma-instaurado-pela-constituicao-federal-de-1988/42162>> . Acesso em 21-05-2015.

OLIVEIRA JUNIOR, Adilson Pereira de. **Impactos da Monocultura de Eucalipto na Territorialidade Tupinikim e Guarani no Espírito Santo (Brasil)**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/26.pdf>>. Acesso em 25/05/2015.

POVOS utilizam recursos naturais com responsabilidade. Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/JC/sites/indios/terra2.html>> Acesso em 22/05/2015.

RELATÓRIOS, documentos e informações fornecidos pelas Secretarias de Educação, Saúde, Planejamento e Desenvolvimento Social do Município de Aracruz sobre os povos indígenas que habitam o território aracruzens, ano 2015.

RELATÓRIO do Relatório do DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena MG/ES, da Secretaria Especial de Saúde Indígena, do Ministério da Saúde, sobre a saúde dos índios de Aracruz com base em avaliações feitas no ano de 2014.

PESQUISA com Índio. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/indios/cacique.htm>>, Acesso em 21/05/2015.

PESQUISA datas comemorativas com Índio. Disponível em: <http://www.sua_pesquisa.com/datascomemorativas/dia_do_indio.htm>, acesso em 25/05/2015.

RECANTO DOS NATURAIS. Disponível em: <http://recantodosnaturais.med.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=44:indios-e-o-meio-ambiente&catid=1:latest-news> Última atualização em 08 de Junho de 2010 18:41. Acesso em 21/05/2015.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. 3 ed. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://www.wikipédia.org/wiki/tupiniquins.htm>>. Acesso em 24/05/2015.